

## ARTES CÊNICAS

## Uma reciclagem teatral

Em montagem despojada, o diretor Eduardo Wotzik discute a linguagem e o futuro do palco

'Estilhaços'  
Museu do Universo

Tânia Brandão

TEATRO  
CRÍTICA

Prisioneiro da fala, o ser humano lança palavras ao vento para viver, mesmo que não tenha claro o sentido que elas encerram. Ele vive de jogar conversa fora, despejar o verbo no lixo. "Estilhaços", de Eduardo Wotzik, brinca com esta falha humana para fazer teatro do tempo presente. A partir de um texto em migalhas, ingênuo como qualquer conversa banal cotidiana, um mosaico com citações diversas, desabaços, papos de esquina, lendas da internet, confidências, a montagem brinca também com a possibilidade formal de fazer teatro hoje.

Em lugar da velha ação dramática, que os franceses, invocando a seu jeito Aristóteles, quiseram impor como a forma absoluta e inalterável da arte do teatro, a encenação explora os caminhos da narração, do rapsódico e da performance; ao misturar atores e público, envereda por uma singela pergunta sobre a forma da encenação. Reconhece, portanto, que cada época produz o teatro de que necessita, para explorar as condições da sociedade contemporânea. No caso, está sob o foco a pergunta sobre a existência de uma nova forma afetiva da Humanidade, a hipótese de que esteja nascendo uma consciência de irmandade diferente, propensa a deixar fluir livres os sentimentos individuais e a driblar as formas hieráticas de contato interpessoal, ditadas



VESTIDOS com roupas casuais de tom escuro, como se fossem pontos de interferência na luz, os atores se revezam num texto em migalhas

pelos poderes convencionais estabelecidos.

A cena, em uma sala do Museu do Universo, é inspiradora: conjuga direção (Wotzik), cenografia (José Dias) e iluminação (Paulo Cesar Medeiros) em uma bela instalação. O dispositivo é simples — um espaço branco, povoado por cubos brancos iluminados, usados como assentos, um tanto desconfortáveis, mas hábeis, pois fazem com que o público se instale na luz em estado de visão total, sem frente ou costas. De certa forma, é a

inscrição de formas circulares em uma estrutura quadrangular. Uma passarela branca envolve a sala como se fosse uma moldura, delimitada, por sua vez, por um fecho de luz azul.

A ação começa com a projeção de uma conversa sentimental juvenil, que teria sido teclada em um computador, quase um texto criptografado para os mais velhos. A partir deste mote e de uma pergunta repetida ao longo do espetáculo sobre as possibilidades de realização futura da juventude de hoje, os atores,

vestidos com roupas casuais (Tatiana Brescia) de tom escuro como se fossem pontos de interferência na luz, se revezam na apresentação dos tais fragmentos do mosaico de palavras.

A interpretação acontece sob um redemoinho de tons: do realismo despojado ao naturalismo sentimental. Ricardo Kosovski, arrebatado e arrebatador, é o grande arauto da noite; Clarisse Derzié Luz, maliciosa e humorada, se contrapõe à linha de emoção; Marcos França, materialista e compenetrado, sugere uma

cor realista que se radicaliza na linha telúrica de Analu Prestes.

Trata-se de uma montagem despojada, bem-humorada, atraente para quem se interessa em discutir a linguagem teatral e o futuro do palco sem grandes perguntas a respeito da origem de tudo. Há sem dúvida alguma pieguice e um risco de insinuar formas corriqueiras de autoajuda, mas o ato de buscar a percepção do teatro e do homem de nosso tempo vale a noite — recicla o verbo, o palco, a classe teatral e o público. ■

Divulgação

INFORME PUBLICITÁRIO

Verifique a classificação indicativa dos espetáculos

EDUARDO WOTZIK  
DEBATE A ÉTICA EM  
SEU NOVO ESPETÁCULO

# ESTILHAÇOS



Ricardo Kosovski,  
Clarisse Derzié,  
Marcos França e  
Analu Prestes:  
no mesmo nível  
do público

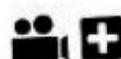
O prestigiado diretor teatral Eduardo Wotzik sempre acreditou no poder do teatro e da arte de transformar o mundo. De uns tempos para cá, porém, o ideal herdado do pai vem, aos poucos, transformando-se em frustração diante das notícias pouco animadoras e incidentes tão graves quanto corriqueiros presenciados nas ruas, que revelam a miséria humana em pleno século 21. Este sentimento, comungado por muitos de seus contemporâneos, foi a gênese de muitas das 45 crônicas que deram origem a "Estilhaços", peça que inaugura o teatro do Museu do Universo, no Planetário do Rio de Janeiro.

"Volto a esta temática porque sou um ingênuo. Ainda acho que o teatro pode melhorar a espécie.

Meu pai morreu com 80 anos, o mundo não melhorou e ele reclamou muito disso no fim da vida", lamenta Wotzik. "Mas não vejo outro sentido na vida do que o de servir ao outro, então, não consigo parar. Foi educado para acreditar e, com o tempo, aprendi a 'acreditar chorando', como disse Clarice Lispector, e o teatro é o espaço que tenho para isso", completa o diretor.

Para expor suas críticas, Wotzik situa o elenco – formado por Analu Prestes, Clarisse Derzié, Ricardo Kosovski e Marcos França – no mesmo nível do público, revestindo-o de sua faceta cidadã também ao optar pela ausência de maquiagem e pelo figurino composto por roupas de uso cotidiano, ou o não-figurino. Já o cenário é formado

por cubos de fibra de vidro iluminados por dentro. "Como trata-se de um texto não dramaturgicamente, optei por esse formato de reunião cênica, onde não há palco. É incrível como o teatro vai atravessando os tempos e, em vez de ser destruído pelas novas linguagens, apresenta uma capacidade infinita de renovação", observa o diretor.

 Veja vídeo e leia mais em [www.agentesevenoteatro.com.br](http://www.agentesevenoteatro.com.br)

ESTILHAÇOS  
Espaço I do Museu do Universo – Planetário da Gávea  
Tel.: (21) 2529-2146  
Este espetáculo não é indicado para menores de 14 anos.

**CURSO DE DRAMATURGIA  
COM DOMINGOS OLIVEIRA**



 Leia mais em [www.agentesevenoteatro.com.br](http://www.agentesevenoteatro.com.br)

lix, João Velho e Thiare Maia interpretam uma trama que aborda a violência urbana no Brasil. Apesar do conhecido tema, o prometido diferencial está no formato do espetáculo, que mescla o jogo cênico com recursos audiovisuais e performance. No palco é encenada a história do artista plástico contemporâneo chamado Século, durante o vernissage de sua exposição *Banal*, na galeria de arte Museu Cubo Branco. Na tal obra de arte interativa, ele troca pincéis e pigmentos por pessoas — e a tela é substituída pelo tempo e pelo espaço. Neste contexto fictício, o elenco atua vestido em trajes de gala e de guerra. Direção da autora (90min). 14 anos. Estreou em 3/2/2011. **Espaço Sesc — Mezanino** (150 lugares). Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana, ☎ 2547-0156. ☎ Quinta e domingo, 20h; sexta e sábado, 21h30. R\$ 16,00. Bilheteria: a partir das 15h (qui. a dom.). Até dia 27.

**BRASIL 70**, de Márcia Santos. O musical entremeia alguma dramaturgia em números de canto com sucessos das décadas de 60 e 70. No lado estrangeiro do repertório estão hits de David Bowie, Marvin Gaye, Led Zeppelin e Bob Marley, entre outros. A MPB é representada por pérolas como *Tonga da Mironga do Kabuletê*, *Arrastão*, *Fio Maravilha* e *Dancing Days*. Integram o elenco Helga Nemeckzy, Leonardo Lois, Marcelo Báfica e Patrícia Ferrer, além da autora Márcia Santos, que divide a direção com a atriz Alice Borges. Os arranjos foram elaborados pela preparadora vocal Márcia Luna Cabral (70min). 18 anos. Estreou em 14/1/2011. **Teatro Café Pequeno** (110 lugares). Avenida Ataulfo de Paiva, 269, Leblon, ☎ 2294-4480. Sexta e sábado, 21h30; domingo, 20h30. R\$ 30,00. Bilheteria: a partir das 16h (sex. a dom.). TT. Até dia 27. Integrante da promoção *Dia de Teatro a R\$ 1,00*, no domingo (13).

☎☎ **CONVERSANDO COM MAMÃE**, de Santiago Carlos Oves. Este drama escrito pelo cineasta e roteirista argentino Oves ganhou versão teatral do catalão Jordi Galcerán e tradução de Pedro Freire. Dois atores tarimbados interpretam mãe e filho. Levam ao palco encontros e desencontros de família daqueles bem típicos, em torno de afeto, intenções e formas de perceber o mundo. Beatriz Segall vive uma mulher de 82 anos que tem dificuldade de relacionamento com seu filho de 50, interpretado por Herson Capri. Ele raramente aparece para visitá-la e, quando o faz, não traz boas notícias. Perdeu o emprego e, para manter o padrão de vida da família, pensa em vender o apartamento onde ela mora. Direção de Susana Garcia (80min). 14 anos. Estreou em 11/11/2010. **Teatro do Leblon — Sala Fernanda Montenegro** (417 lugares). Rua Conde Bernadotte, 26, Leblon, ☎ 2529-7700. Sexta e sábado, 19h; domingo, 18h. R\$ 60,00 (sex.) e R\$ 70,00 (sáb. e dom.). Bilheteria: a partir das 15h (sex. a dom.). Cc.: D, M e V. Cd: todos. IC. Estac. (R\$ 7,00 por três horas). Até dia 27.

**DANTE'S INFERNO**, de Dante Alighieri, com tradução de Helder da Rocha. Drama. Montagem da Cia. Guerreiro com a primeira



GUGA MELGARDI/DIVULGAÇÃO

**Estilhaços: no Museu do Universo, a comédia encenada por Clarisse Derzié, Ricardo Kosovski, Marcos França e Analu Prestes está com ingressos mais baratos**

parte da trilogia *A Divina Comédia* (formada por *Inferno*, *Purgatório* e *Paraíso*). O elenco encabeçado por Alice Maria, Anna Machado e Ipojuca Dias encena a saga de Dante. Perdido numa selva escura, em busca do amor, ele desce ao inferno acompanhado do poeta Virgílio, para conhecer e reconhecer a humanidade ali exposta. A montagem relata uma viagem simbólica realizada por Dante no decorrer da Semana Santa de 1300, representando o trajeto que o homem deve percorrer para fugir das paixões terrenas e conquistar a liberdade moral e a fé. Direção de Jorge Farjalla (85min). 18 anos. Estreou em 8/1/2011. **Centro Cultural Parque das Ruínas** (30 lugares). Rua Murinho Nobre, 169, Santa Teresa, ☎ 2252-1039. Sábado e domingo, 19h30. Grátis. Distribuição de senhas uma hora antes. Até dia 29.

☎☎☎ **DENTRO DA NOITE**, de João do Rio, com adaptação de Marcus Alvisi. O próprio Alvisi encena, neste monólogo dramático, dois contos do cronista e dramaturgo João do Rio (1881-1921). Na narrativa que dá nome ao espetáculo, ambientada dentro de um trem do subúrbio carioca em 1906, Rodolfo conta a seu amigo Justino uma história de sadismo vivida entre ele e sua noiva, a submissa Clotilde. Em versão mais leve do que a original, *O Bebê de Tarlatiana Rosa* se passa em 1908, numa conversa entre quatro amigos. Heitor relata a seus interlocutores uma aventura repleta de suspense e erotismo que viveu na Praça Tiradentes, em pleno Carnaval. Direção de Ney Matogrosso (55min). 16 anos. Estreou em 12/11/2010. **Casa de Cultura Laura Alvim — Espaço Rogério Cardoso** (70 lugares). Avenida Vieira Souto, 176, Ipanema, ☎ 2332-2015. ☎ General Osório. Sábado, 21h; domingo, 20h. R\$ 40,00. Bilheteria: 16h/21h (ter. a sex.); 15h/21h (sáb. e dom.). IC. Até 3 de abril.

☎☎☎ **DEUS DA CARNIFICINA**, de Yasmina Reza, com tradução de Eloisa Ribeiro. Comédia. Deborah Evelyn, Paulo

Betti, Julia Lemmertz e Orã Figueiredo encenam a versão brasileira deste bem-sucedido texto da dramaturga argelina radicada na França. A montagem da Broadway, com Jeff Daniels, James Gandolfini, Hope Davis e Marcia Gay Harden, conquistou no ano passado três prêmios Tony, nas categorias espetáculo, direção e atriz. No palco é apresentada a história de dois casais maduros que se encontram para resolver um incidente envolvendo seus filhos pequenos: um deles quebrou dois dentes do outro numa briga. Em dado momento, rompe-se o verniz social que faz a blindagem dos adultos contra a selvageria e a polidez civilizada dá lugar a um campo de batalha. Direção de Emílio de Mello (60min). 14 anos. Estreou em 2/9/2010. **Teatro Maison de France** (352 lugares). Avenida Presidente Antônio Carlos, 58, Centro, ☎ 2544-2533. Quinta a sábado, 21h; domingo, 19h. R\$ 60,00 (qui.), R\$ 70,00 (sex.) e R\$ 80,00 (sáb. e dom.). Bilheteria: a partir das 15h (qui. a dom.). IC. Estac. c/manobr. (R\$ 10,00). Até dia 27.

☎☎☎ **DOIDAS E SANTAS**, de Regiana Antonini, inspirada no livro homônimo de Martha Medeiros. Nesta comédia romântica é contada a história da psicanalista Beatriz (Cissa Guimarães), de seu marido Orlando (Giuseppe Oristânio) e da filha adolescente Marina (Carmen Frenzel, que encarna ainda os papéis da tia Benice e da avó Elda). Após vinte anos, o casamento acaba, a mulher independente se lança à vida e engata um romance com um jovem. Depois de curtir adoidado, Beatriz é procurada por Orlando e muda seus planos. Direção de Ernesto Piccolo (90min). 12 anos. Estreou em 1º/5/2010. **Teatro do Leblon — Sala Tônia Carrero** (200 lugares). Rua Conde Bernadotte, 26, Leblon, ☎ 2529-7700. Quinta a sábado,